



SECRETARIA DE
AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO

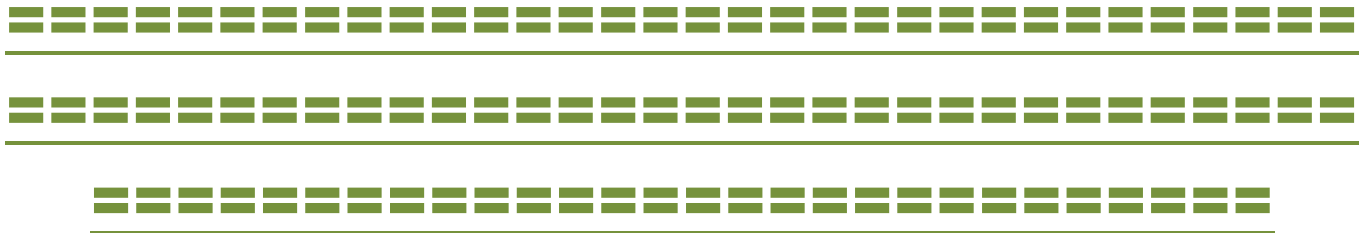


INFORMATIVO PROALMINAS

Fique ainda mais atualizado. Inscreva-se nas nossas redes sociais: [Twitter](#) [Facebook](#) @Agricultura

Edição N° 02/2016

- BH/25/01/2016 -



ÓRGÃO INFORMATIVO

DO

PROGRAMA MINEIRO DE INCENTIVO À

CULTURA DO ALGODÃO/PROALMINAS/

MG

Título	SUMÁRIO	Pág
---------------	----------------	------------

01 – Irrigação de Salvação em culturas de subsistência chega ao Norte de Minas	02
02 - Cooperativa adota boas práticas e retoma área plantada em MG	04
03 – Entraves à pesquisa sobre pragas no agronegócio.....,	07
04 – Safra 2015/16– Financiamento com as multis ganha mais espaço no algodão.....	09
05 - Preços agrícolas deem ser mais estáveis neste ano, aponta BMI	11
06 - Crédito Rural – BB terá mais recursos para pré-custeio da safra	11
07 - Governo nega risco de desabastecimento de milho.....	13
08 - Soja: clima adverso não impedirá safra recorde, avalia Agroconsult	14
09 - Proprietários terão 140 milhões de hectares para cadastrar no CAR até maio.....	15
10 – Composição do Gabinete da SEAPA/MG.....	16

IRRIGAÇÃO DE SALVAÇÃO EM CULTURAS DE SUBSISTÊNCIA CHEGA AO NORTE DE MINAS

Introdução:

Os sistemas de exploração que as pequenas propriedades do semiárido brasileiro, incluindo-se naturalmente o Norte de Minas Gerais, apresentam, sobrevivem em equilíbrio precário com os recursos agroecológicos e socioeconômicos regionais. Estas unidades de produção têm permitido a manutenção da agropecuária no sertão nordestino. O fenômeno que caracteriza esse desequilíbrio está associado a vários fatores como irregularidade climática, solos rasos e de baixa fertilidade, baixa capacidade de retenção de água, entre outros de ordem estrutural, tornando a agricultura uma atividade de riscos, entretanto o desenvolvimento da região.

A Embrapa Semiárido, desde 1978, vem desenvolvendo ações de pesquisa, que conferem às propriedades rurais uma infraestrutura hídrica capaz de permitir a convivência do homem com as adversidades climáticas. Entre estas tecnologias, o uso da irrigação de salvação tem reduzido os riscos da exploração agrícola em anos cuja precipitação pluviométrica é irregular, proporcionando até duas colheitas em anos considerados normais de chuvas.

Definição:

Define-se a irrigação de salvação como a lâmina de água aplicada à cultura nos veranicos que comumente ocorrem durante o período chuvoso na região Nordeste, de forma a não permitir que a cultura sofra estresse hídrico, e, em alguns casos, morra. No



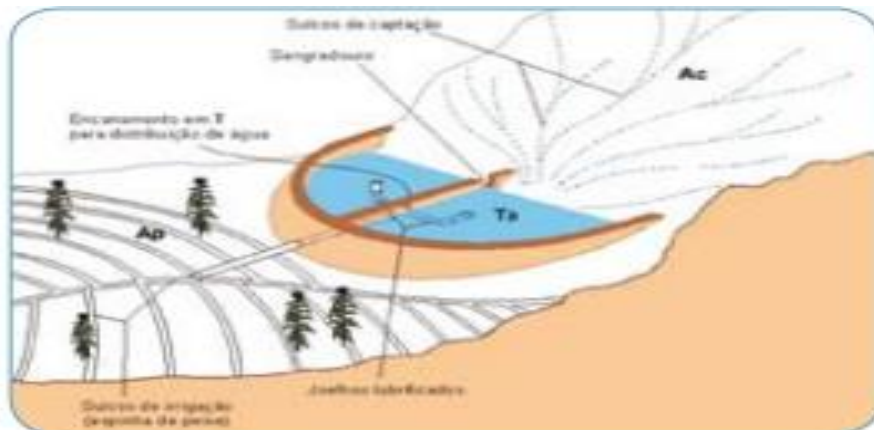
semiárido brasileiro, após as primeiras chuvas, é comum ocorrerem períodos de 20 a 30 dias sem novas chuvas, comprometendo seriamente a germinação e outras fases de desenvolvimento das culturas. O modelo proposto pela Embrapa Semiárido possibilita a captação e o armazenamento das águas que escoam do solo, para uso durante os períodos de estiagem, por meio da irrigação de salvação.

Observação:

No Nordeste brasileiro, existe uma grande quantidade desses pequenos reservatórios que não se prestam para irrigação de salvação, porque, como não foram construídos em áreas que permitam a irrigação por gravidade, normalmente, necessitam de uma bomba, inviabilizando a irrigação para os pequenos produtores.

Descrição da Tecnologia:

O sistema de aproveitamento de água proveniente do escoamento superficial, denominado por barreiro, constitui-se de uma pequena barragem de terra, formada por uma área de captação, um tanque de armazenamento e uma área de plantio.



Unidades demonstrativas no NORTE DE MINAS:

A SEAPA/Mg, através do PROALMINAS, está estudando, em fase final, a possibilidade de instalação de 6 Unidades Demonstrativas nos municípios de Mato Verde, Monte Azul e Catuti para a difusão da tecnologia de irrigação de salvação adaptada à cultura do algodão. Os recursos financeiros serão oriundos do Fundo PROALMINAS com participação (contra-partida) de 6 produtores selecionados nos três municípios.

A EMATER, com a parceria da Cooperativa dos Produtores Rurais de Catuti serão responsáveis pela orientação e assistência técnica do Projeto, divulgando a nova metodologia na região, junto aos produtores, associações e cooperativas, principalmente aqueles localizados na microrregião da Serra Geral, onde as limitações produtivas são grandes, urgindo a busca de alternativas adequadas às condições edafoclimáticas para o fomento da economia local.

(Irrigação de Salvação ...(trechos de Aderaldo de Souza Silva, Magna Soelma B. de Moura e Luiza T. de Lima Brito) / (Google Chrome)

Cooperativa adota boas práticas e retoma área plantada em Minas Gerais

Pequenos produtores se organizam e, com base nas diretrizes do programa de algodão sustentável, voltam a gerar emprego e renda

A agricultura familiar na região Norte de Minas quebrou paradigmas e adotou boas práticas agrícolas. Pequenos produtores se uniram por meio de cooperativa e transformaram uma cultura desacreditada em rentável e geradora de empregos. “Antes,

vendíamos tudo e não sobrava quase nada. Agora, vendemos a pluma e os caroços podem ficar para alimentar o gado”, diz Adelino Lopes Martins, um dos primeiros produtores a fazer parte da Coopercat (Cooperativa dos Produtores de Algodão de Catuti). Hoje ele planta 28 hectares de algodão e possui 16 cabeças entre gado de corte e leite.

Os preços pagos pelo produto também foram uma conquista dos produtores mineiros de Catuti. Ao negociar por meio da cooperativa, conseguem maior valor do produto e também redução no custo de produção. “Além de conseguirmos negociar valores com fertilizantes, maquinários e tratores, ainda temos assistência técnica. Isso tudo ajuda muito. Antes trabalhávamos muito e praticamente ficávamos sem lucro”, conta Martins.

O ganho salta aos olhos, sem dúvida. De acordo com Hermínio Ueklei Silva, produtor e responsável pela operação da miniusina da Coopercat, antes a venda era direta para os usineiros de Guanambi (BA). “Vendíamos algodão em caroço e o valor pago era de R\$ 15,50 a arroba. Hoje, com o algodão beneficiado, vendemos o algodão sem caroço a R\$ 25 por arroba e ainda ficamos com o caroço”, afirma.

O custo com fertilizante fica cerca de 20% mais barato quando negociado por meio da cooperativa, segundo Silva, devido ao maior volume. O aproveitamento do caroço reduz em até 40% o custo com alimento do gado. Silva planta 24 hectares de algodão e conta com 30 cabeças entre gado de corte e leiteiro. A cultura do algodão ganha mais eficiência com a doação de um maquinário de beneficiamento da SLC Agrícola. “É a nossa chance de crescer com sustentabilidade e competitividade”, acrescenta José Tibúrcio de Carvalho Filho, técnico agrícola da Coopercat.

Com o dobro de produtores associados, a cooperativa conta com uma produtividade média em torno de 100 arrobas por hectare e, quando o clima ajuda, chega a até 200 arrobas por hectare. “A produção total é de 50 mil arrobas. A usina atende a todos e ainda beneficia de outros produtores da região”, diz José Rodrigues de Souza, presidente da Coopercat. Hoje são 60 produtores diretos envolvidos na cooperativa.

Segundo Carvalho Filho, técnico agrícola da Coopercat, 2012 foi um marco na agricultura familiar na região, em especial no “Projeto Retomada do Algodão no Norte de Minas”. O licenciamento pelo programa Better Cotton Initiative (BCI) trouxe grandes desafios para enquadrar o sistema de produção já existente na região à realidade preconizada pelo programa BCI. “É possível até afirmar que houve realmente uma quebra de paradigma, sobretudo no que diz respeito à condução das práticas agrícolas pré-existentes”, diz.

O objetivo com a adesão ao BCI foi adaptar-se às exigências do programa, que pretende melhorar a subsistência e desenvolvimento econômico nas áreas cotonicultoras e reduzir o impacto ambiental do algodão. O programa envolve agricultores que participam de um ciclo contínuo de aprendizagem e melhorias, sendo o mecanismo central para avaliar se os agricultores podem cultivar e vender Better Cotton.

Carvalho Filho explica que as práticas culturais prejudiciais como a utilização de água em excesso, diminuição da fertilidade do solo e práticas de manejo da lavoura pouco recomendadas à saúde do trabalhador representavam ameaças à sustentabilidade da cadeia do algodão. A implantação do programa BCI teve como finalidade demonstrar os benefícios inerentes de uma produção de Better Cotton, especialmente para a lucratividade dos produtores.

O programa permitiu também melhorar as práticas de uso de água e defensivos na saúde das pessoas e no meio ambiente, melhorar a saúde do solo e a biodiversidade do ambiente, promover as relações justas de trabalho para comunidades agrícolas e trabalhadores de culturas de algodão, além de facilitar a troca de conhecimento global em produções algodoeiras mais sustentáveis, aumentando a rastreabilidade ao longo da cadeia de fornecimento de algodão.

Conforme Carvalho Filho, um aspecto importante em relação à adesão ao programa foi a implementação de um novo método de plantio, caracterizado por plantio semiadensado. Nesse método, aumentamos a população de plantas por hectare. “Essa experiência permitiu vislumbrar os principais benefícios de sua implementação que justificam sua manutenção, como a redução dos custos relacionados à operação, manutenção e transporte de maquinário para lavoura. Para aplicação desse método é fundamental a realização de um bom preparo do solo”.

Outro ganho com as boas práticas para a certificação do BCI foi a mudança de postura de trabalho em relação aos aspectos de Saúde, Segurança e Meio Ambiente (SMS). Para isso, foram realizados treinamentos com os produtores e trabalhadores da lavoura, que tiveram início antes do começo do plantio, para que os trabalhadores aplicassem os conhecimentos na própria safra. Segundo Carvalho Filho, a disponibilização e utilização de EPIs (Equipamento de Proteção Individual) para o manejo das lavouras é obrigatório.

“Foram realizados treinamentos enfatizando a necessidade de utilização, no intuito de conscientizar os trabalhadores da importância deste item e destacando os malefícios ocasionados pela não utilização dos equipamentos”, afirma.

Já na safra 2012/13, quando foram implantadas as boas práticas, houve uma redução em torno de 40% do consumo de água devido à utilização de pontas de pulverização com indução de ar. A mudança das pontas de pulverização, além de provocar a redução do consumo de água, é mais eficiente e também minimiza os impactos sob fatores ambientais como solo, recursos hídricos e a microfauna, em função da diminuição do volume de defensivo agrícola em contato com os fatores ambientais.

Doação beneficia pequenos produtores

Pela primeira vez, a SLC Agrícola, empresa produtora de commodities agrícolas focada na produção de algodão, soja e milho - com previsão de área plantada para safra 2014/15 de 370,1 mil hectares - fez a doação de uma máquina algodoeira para uma comunidade produtora da commodity. Trata-se uma máquina composta por 5 descarçadores de algodão com capacidade de beneficiar até 170 fardos de 200 kg de pluma por dia de trabalho.

De acordo com Aurélio Pavinato, diretor presidente da SLC Agrícola, para a doação foram seguidos os critérios e diretrizes da política integrada de gestão, também para atender a uma demanda pontual da Abrapa (Associação Brasileira dos Produtores de Algodão). “Temos convicção que ações como essa irão agregar melhorias nas condições de trabalho para a cooperativa com muito mais segurança, qualidade de vida e fundamentalmente melhoria direta na qualidade do algodão da comunidade de Catuti.”

Pavinato explica que a região é composta por pequenos produtores de algodão do Norte de Minas que perderam a algodoeira própria em razão de um incêndio. Eles

apresentaram um excelente projeto de produção organizado em sistema de cooperativa e necessitavam da reconstrução da algodoeira.

O executivo conta que em reunião da ABRAPA, a AMIPA (Associação Mineira de Produtores de Algodão) manifestou a necessidade da SLC apoiar os pequenos produtores do Norte de Minas para a reconstrução dessa algodoeira. “Como estávamos substituindo a algodoeira da Fazenda Parnaíba (MA) por uma máquina nova de maior capacidade, nos dispusemos a fazer essa doação”, diz.

A SLC Agrícola possui uma política integrada de Gestão que atende a NBR 16001 (Responsabilidade Social), ISO 14001 (Gestão Ambiental) e a OHSAS 18001 (Segurança e Saúde Ocupacional).

“Para a responsabilidade Social Empresarial seguimos as diretrizes macro que são: promover a ética e o desenvolvimento sustentável através do envolvimento das partes interessadas, da tolerância em relação a posições divergentes, da atuação não discriminatória, do pagamento de uma remuneração justa e combate ao trabalho forçado e infantil onde atuamos”, explica Pavinato.

Por meio de funcionários voluntários GAS (Grupo de Ação Socioambiental), a SLC desenvolve diversos projetos e ações sociais em todas as unidades, atingindo milhares de pessoas junto a comunidades.

(Fonte: Revista KLFF - 11ª Ed.)

Entraves à pesquisa sobre pragas no agronegócio – (Cad. Opinião - Jornal Valor Econômico)

Foi um longo processo, mas quase 15 anos depois do seu início, o Brasil continua sem



se beneficiar plenamente da vitória sobre os Estados Unidos no contencioso sobre subsídios americanos ao algodão.

Em outubro de 2014, após 12 anos de disputa, Brasil e EUA celebraram um acordo considerado histórico pelo próprio diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Roberto

Diretoria do IBA/Instituto Brasileiro do Algodão

Azevedo. O comunicado previa um pagamento único de US\$ 300 milhões ao Brasil.

Cultura importante no Brasil, em especial em alguns Estados nos quais é menor o peso da agricultura como a Bahia, o algodão teve no ano passado um valor bruto da produção de R\$ 12,97 bilhões, segundo estimativas do Ministério da Agricultura.

O Brasil tem sido um grande exportador de algodão - no ano passado, as vendas somaram US\$ 1,29 bilhões. A previsão da Conab para a safra 2015/16, que está em fase de plantio, é de uma produção de 1,5 milhão de toneladas de algodão em plumas, queda de 4% na comparação com as 1,562 milhão de toneladas produzidas na safra 2014/15. O principal problema do segmento é a dificuldade em combater uma praga, o bicudo.

Foi neste contexto de tentar proteger um dos principais produtos agrícolas do país que o governo brasileiro iniciou em 2002 um processo contra os benefícios recebidos pelos plantadores de algodão nos Estados Unidos e o caso foi parar na OMC.

Os procedimentos e negociações se arrastaram por anos. Antes de 2014 já tinha sido anunciada uma solução para a disputa, que acabou não se concretizando. Um primeiro acordo, fechado em 2009, determinava que os EUA pagassem US\$ 830 milhões ao Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), criado especificamente para gerir esses recursos. No fim de 2013, os pagamentos que eram mensais foram atrasados em função da aprovação de uma nova lei agrícola pelo Congresso americano.

Depois de mais negociações, chegou-se ao acerto de outubro de 2014, que incluíam uma cláusula pela qual o Brasil assumiu o compromisso de não retaliar a lei agrícola de 2014, que mantém os subsídios.

No ano passado, já tinha ficado claro que o acordo não tinha colocado, na verdade, um ponto final no conflito entre o Brasil e Estados Unidos sobre subsídios ao algodão. Conforme relato do correspondente do Valor em Genebra, Assis Moreira, um levantamento do Centre for Trade and Sustainable Development (ICTSD) mostrava que os produtores americanos de algodão continuariam a receber vultosos subsídios, no rastro da decisão do governo brasileiro de aceitar uma compensação e de não continuar a contestar a prática americana.

Agora, um novo capítulo desta novela vem a público. Como reportou Fabiana Batista na edição de terça-feira do Valor, o Brasil não consegue ainda se beneficiar da compensação americana. Com R\$ 1,5 bilhão em caixa, o Instituto Brasileiro do Algodão não tem conseguido usar o dinheiro para financiar uma das mais importantes demandas do setor: o desenvolvimento de uma variedade de algodão transgênico resistente ao bicudo. O inseto afeta atualmente todas as regiões produtoras do Brasil e gera, sozinho, custo adicional de US\$ 200 milhões por ano aos produtores.

Desde 2011, o Brasil recebeu dos EUA US\$ 850 milhões, mas não pôde, até 2014, usar o dinheiro em pesquisas, devido a restrições impostas pelos americanos no acordo selado na OMC. Apenas no fim de 2014 os americanos flexibilizaram algumas regras, permitindo aporte em pesquisas, desde que, realizados em parceria com institutos ou universidades americanas.

Por causa do longo contencioso na OMC, ficou complicada a relação entre os produtores dos dois países. Agora, as universidades americanas resistem a firmar parcerias com os brasileiros sem o aval da associação dos cotonicultores do país. O Brasil tem tecnologia para desenvolver isoladamente uma variedade de algodão transgênico resistente ao bicudo e, inclusive, já criou plantas com o gene, informou Liv Soares Severino, chefe de pesquisa da Embrapa Algodão. Mas essa planta ainda está distante do ponto ideal para ser comercializada.

Severino defende a parceria com universidades dos EUA, não somente como forma de acelerar o desenvolvimento dessa primeira variedade transgênica resistente ao bicudo, mas também porque isso agregaria mais recursos e conhecimento ao projeto todo.



Safra 2015/16 - Financiamento com as múltiplas ganha mais espaço no algodão - Cad. Agronegócio - Jornal Valor Econômico

(Por Fabiana Batista | De São Paulo)

Apesar das incertezas quanto à oferta de crédito no país, os produtores brasileiros de algodão conseguiram levantar capital para fazer frente ao plantio da pluma desta safra 2015/16, sem grande redução de área. Em alguns casos, a semeadura está sendo feita com menos tecnologia, para driblar a alta de custos.

Mas o diferencial está sendo o maior financiamento via "barter", operação de troca de insumos por entrega futura de produto, e também via tradings.

Com isso, a venda antecipada de algodão, contrato que serve de garantia nessas operações de financiamento, atingiu até agora 60% da colheita esperada da pluma, 20 pontos percentuais à frente do registrado em igual época de anos anteriores. A área com a cultura no Brasil deve atingir 950 mil hectares em 2015/16, queda de 3% ante o ciclo anterior, segundo a associação que representa os cotonicultores, a Abrapa. Trata-se, na

visão da entidade, de um recuo tímido, perto dos 20% estimados em agosto passado, diz o presidente da associação, João Carlos Jacobsen. Naquele mês, as perspectivas de financiamento no país eram ruins.

Pesou ainda o fato de produtores de algodão que eram lideranças no segmento terem anunciado recuperação judicial. O plantio de algodão tem um custo por hectare cerca de três vezes superior ao da soja. No decorrer da temporada, deve demandar do produtor recursos da ordem R\$ 7,6 bilhões.

Não há dados oficiais sobre o avanço da fatia dos fornecedores de insumos e das tradings no financiamento desta safra. Mas Marco Antonio Aloisio, presidente da Anea, que reúne as tradings que operam com a pluma, lembra que o produtor de algodão também planta soja e que, uma parte do recurso da venda antecipada da oleaginosa deve ter sido usada para custear a lavoura do algodão.

As duas culturas compartilham a mesma terra em Mato Grosso, que é o maior produtor de ambas.

A alemã Bayer CropScience também sinalizou que ampliou as operações de "barter". Elas cresceram 300% na comparação com 2014, considerando todas as culturas, entre elas o algodão.

Na visão da companhia, houve, com a crise econômica, uma grande queda na oferta de crédito a todos os setores, em especial à agricultura. Somou-se a isso, segundo o diretor de marketing de Algodão da multinacional, Fernando Prudente, o fato de que alguns produtores estavam sem novas garantias disponíveis para ampliar financiamento, em decorrência de investimentos feitos nos últimos anos.

Mesmo os grupos produtores de algodão mais capitalizados tiveram limitações para ampliar suas linhas de crédito bancário neste ciclo. Na melhor das hipóteses, conseguiram captar o mesmo montante em reais - o que, em dólar, significa uma queda das captações se for considerada a desvalorização cambial de 50% em 2015. Por isso, o financiamento via multinacionais cresceu.

O grupo Bom Jesus, que cultiva 250 mil hectares entre soja, milho e algodão majoritariamente em Mato Grosso, viu, nesta safra, ser ampliada a fatia dos fornecedores de insumo no financiamento da safra de algodão da empresa, de 50 mil hectares. O diretor financeiro do grupo, Valdoir Slapk, acredita que, até o fim da temporada, essa participação, antes de 35%, deve avançar 10 pontos percentuais, para 45%.

O principal indicativo do avanço desse tipo de financiamento este ano está no crescimento das vendas antecipadas. Apesar do preço pouco atrativo, a comercialização antecipada alcançou 60% da colheita esperada (de 1,5 milhão de toneladas), ante 40% de anos anteriores, segundo a Abrapa. "A tendência é de que o produtor continue realizando vendas antecipadas nos próximos meses para custear outros custos, como mão de obra", afirma Jacobsen.

O presidente da Abrapa diz que o real tamanho da área de algodão será conhecido após janeiro, quando será concluído o cultivo em Mato Grosso, que ocorre após a colheita da soja precoce. A expectativa da entidade é de que o Estado plante em 2015/16 os mesmos 563 mil hectares de 2014/15. Mas eventuais atrasos na colheita da soja podem mudar a previsão.

Na Bahia, o segundo maior produtor de algodão do país, a Abrapa estima uma área plantada de 250 mil hectares, 9,4% abaixo de 2014/15. Isso principalmente porque o clima seco atrasou o plantio da cultura, que já devia ter sido encerrado, segundo Jacobsen. Também pesou nesse Estado, onde a pluma disputa o plantio da primeira safra com a soja, uma maior rentabilidade esperada para a oleaginosa.

Preços agrícolas devem ser mais estáveis neste ano, aponta BMI – (Revista Globo Rural)

Avaliação é baseada em números de estoques divulgados pelo USDA, considerados menores que o esperado

(Por Estadão Conteúdo)

Uma pesquisa da firma de auditoria BMI aponta que os preços de commodities agrícolas tiveram melhor desempenho e conseguiram se manter mais estáveis do que aquelas do setor de energia e metais desde o início de 2016.

A pesquisa ainda indica que a tendência deve se manter diante do aumento de preços verificado no ano. "Esta perspectiva se confirma no relatório mensal de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), em que o estoque de grãos veio abaixo do esperado."

A BMI aponta que, entre os grãos, arroz e milho terão os melhores desempenhos, enquanto o óleo de palma, algodão e açúcar também terão boa performance entre as soft commodities.

=====

Crédito Rural - BB terá mais recurso para pré-custeio da safra

Cad. Agronegócio - Jornal Valor Econômico
(Por Cristiano Zaia e Alex Ribeiro - De Brasília)

O governo montou uma engenharia financeira para ampliar o volume de recursos no crédito rural sem que os subsídios apareçam explicitamente no Orçamento federal. Essa é uma das primeiras medidas da nova gestão do ministro Nelson Barbosa para reativar a economia com a ajuda dos bancos públicos.

O Banco do Brasil se prepara para anunciar nos próximos dias cerca de R\$ 10 bilhões a juros subsidiados para o pré-custeio agrícola da próxima safra 2016/2017, que se inicia

em julho deste ano. Esses recursos serão ofertados pelo BB a juros de 8,75%, taxa que vigora para operações de custeio pelo atual Plano Safra 2015/16, portanto, a juros menores que os de mercado.

Isso só será possível, contudo, porque no último dia do ano passado o Conselho Monetário Nacional mudou as regras de cálculo das aplicações compulsórias em agricultura das captações em poupança rural, que na prática vão permitir que o BB libere cerca de R\$ 12 bilhões que estavam retidos no Banco Central.

A nova injeção de recursos no setor agrícola só é possível porque, nos últimos meses, o BB fez uma agressiva campanha de marketing para atrair recursos para a poupança, evitando a perda de depósitos observada nos seus grandes concorrentes.

A engenharia financeira vai poupar estimados R\$ 815 milhões em pagamentos de subsídios pelo Tesouro Nacional, que poderiam dificultar ainda o cumprimento da meta de superávit primário deste ano.

O BB poderá aplicar os cerca de R\$ 12 bilhões que estavam retidos no BC em operações com juros de mercado, não necessariamente no setor agrícola. O rendimento que o banco oficial receberá nessas operações servirá para bancar os subsídios que, em situações normais, seriam pagos pelo Tesouro.

Esse expediente já foi utilizado em outras situações de restrição fiscal no passado. Mas, pelo que tudo indica, o governo não deixará de bancar os subsídios - só não o fará por meio do Orçamento, mas sim por meio dos chamados subsídios implícitos. O BC vai liberar recursos retidos do crédito rural, mas será obrigado a enxugar o excesso de liquidez por meio de operações compromissadas.

O subsídio implícito é a diferença entre o que o BC paga sobre os depósitos retidos, iguais à remuneração da caderneta de poupança, e a taxa Selic, paga nas operações compromissadas que recolhem excesso de dinheiro em circulação na economia.

De acordo com norma do Banco Central, 74% de todo o volume de poupança captado pelos bancos tem que obrigatoriamente ser direcionados ao crédito rural. É a chamada exigibilidade de recursos em crédito rural. O BB responde por cerca de 90% das captações em caderneta de poupança rural, que em dezembro somavam R\$ 147 bilhões. O BB, porém, vem aplicando menos do que o exigido pelas regras em crédito rural, por isso está sujeito a uma penalidade de recolher cerca de R\$ 12 bilhões ao BC relativos a essa deficiência. A regra aprovada pelo CMN institui um multiplicador que faz com que, com menos empréstimos, os bancos cumpram a exigibilidade. É esse mecanismo que permite ao BB liberar cerca de R\$ 12 bilhões para aplicar no mercado. O Valor apurou que, com essa engenharia, o BB terá R\$ 2,6 bilhões a mais para emprestar apenas no âmbito do Pronamp, linha destinada a médios produtores.

Governo nega risco de desabastecimento de milho - Revista Globo Rural

Exportações devem ajudar a manter preços em níveis elevados

(Por Estadão Conteúdo)

O ministro interino da Agricultura e secretário de Política Agrícola, André Nassar, disse nesta terça-feira (19/1) a representantes da avicultura que "não há motivo para preocupação" no que se refere a abastecimento de milho. Em reunião, ele citou o estoque de passagem da safra 2014/2015 para a de 2015/2016, estimado por ele em cerca de 10 milhões de toneladas, volume que, enfatizou, é suficiente para mais de dois meses de consumo. O ministro interino não mencionou o estoque público de 1,479 milhão de toneladas, que a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) informa ter em seus armazéns espalhados pelo País.

A Associação dos Criadores de Suínos de Mato Grosso (Acrismat) e a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) manifestaram hoje preocupação com a alta recente dos preços do milho e a menor oferta do grão. As duas entidades defendem que a Conab coloque à venda milho de seus estoques em Mato Grosso.

Durante o encontro com os produtores, Nassar observou que já começou a colheita da safra de milho verão, estimada em 27,7 milhões de toneladas, o que sinalizaria perspectiva de oferta. Ele, no entanto, não se comprometeu com o pleito dos produtores sobre a realização de leilões de *venda de milho*.

>Preços

As exportações brasileiras de milho devem seguir firmes até o fim de fevereiro, estimuladas pela desvalorização do real ante o dólar, afirma a Scot Consultoria. Com isso, a cotação doméstica do grão deve continuar em alta nos próximos meses. Levantamento da Scot aponta que a saca de 60 quilos para entrega imediata em Campinas (SP) acumulou alta de 20,8% na primeira quinzena de janeiro, a R\$ 41, ou 54,8% acima do que era cotado em igual período de 2015.

Segundo a consultoria, na primeira semana de janeiro, o volume médio diário de milho exportado pelo Brasil foi 40,3% maior do que o embarcado em igual período do ano passado.

"Para quem precisa de milho para consumo em curto e médio prazos (até março e abril), a recomendação é de compra", diz o analista Rafael Ribeiro, no relatório. Ele avalia que o mercado futuro (BM&F/Bovespa) sinaliza queda dos preços em maio (R\$ 41,50/saca), mas, ainda assim, as cotações devem se manter em um patamar acima do apurado no mesmo período de 2015.

=====
=====
=====
=====

Soja - Clima adverso não impedirá safra recorde, avalia Agroconsult - (Revista Globo Rural) -

A produção de soja deve beirar as 100 milhões de toneladas e a de milho safrinha é estimada em 57,7 milhões

(Por Venilson Ferreira, de São Paulo (SP))

Às vésperas de iniciar o Rally da Safra, expedição que irá percorrer as principais regiões brasileiras produtoras de grãos, a Agroconsult divulgou nesta terça-feira (19/1) mais uma estimativa de colheita de soja e de milho. A projeção da Agroconsult para a produção de milho de segunda safra, que está na fase inicial de plantio, é de colheita de 57,7 milhões de toneladas, volume 6% acima do colhido na safra passada (54,6 milhões de toneladas). A perspectiva é de aumento de 9% da área para 10,5 milhões de hectares.

A produção de milho de verão é estimada em 27,9 milhões de toneladas, em queda de 7% em relação as 30,1 milhões de toneladas produzidas na safra passada. A área de milho de verão encolheu 8% para 5,7 milhões de hectares.

No caso da soja a consultoria elevou sua projeção para 99,2 milhões de toneladas, acima das 99 milhões estimadas no mês passado, e 2% superior as 97,2 milhões de toneladas colhidas na temporada 2014/2015. A área plantada aumentou 3% para 32,9 milhões de hectares.

André Pessôa, coordenador do Rally da Safra e sócio diretor da Agroconsult, explica que na estimativa atual a área de soja foi reduzida em 200 mil hectares, pois devido ao atraso no plantio os produtores decidiram semear o milho. Ele acredita a produção de soja deve beirar as 100 milhões de toneladas, apesar dos problemas climáticos. Segundo Pessôa, as perdas de produtividade da soja devem ser mais acentuadas na região do médio norte de Mato Grosso, onde as variedades precoces sofreram com a falta de chuvas. Ele observa que normalmente na região são colhidas em média 55 sacas por hectare e, nesta safra, vários produtores irão colher de 20 a 30 sacas.

Apenas na região sul de Mato Grosso as condições das lavouras estão iguais ou melhores que no passado, apesar das chuvas irregulares. No oeste a condição é ruim por causa da falta de chuvas e no leste o plantio atrasou de 20 a 30 dias.

Como choveu depois, no leste ainda recuperar a produtividade. No geral, diz ele, Mato Grosso é o viés de baixa das previsões de safra, pois uma saca de soja menos na produtividade representa uma perda de 500 mil toneladas na produção estadual.

Na região do Matopiba (confluência do Maranhão com Tocantins, Piauí e Baía) a situação também é preocupante, por causa do atraso no plantio, provocado pela falta de chuvas. Pessôa diz que ainda é cedo para prever as possíveis quebras de produtividade na região, pois vai depender do clima nos próximos meses. O analista diz que os produtores devem apostar no milho safrinha, aproveitando os bons preços, mesmo com plantio após o período ideal, indo até 20 de março. Ele diz que neste mês houve aumento na demanda por fertilizantes e sementes de milho, indicando a perspectiva de plantio de uma safra recorde.

=====

Proprietários rurais têm 140 milhões de hectares para cadastrar no CAR até maio

(Revista Globo Rural)

258 milhões de hectares foram registrados na plataforma até 31 de dezembro

(Por Redação Globo Rural)

O Serviço Florestal Brasileiro divulgou nesta terça-feira (19/01) novos dados sobre o Cadastro Ambiental Rural (CAR). De acordo com o boletim, atualizado até 31 de dezembro de 2015, 258 milhões de hectares já estão registrados -- número que corresponde a 65% dos 398 milhões de hectares de área cadastrável. Desta forma, os proprietários ainda têm 140 milhões de hectares para incluírem no sistema até o dia 5 de maio.

Ainda de acordo com os dados do CAR, 2,25 milhões de imóveis rurais foram cadastrados até o momento. Proporcionalmente, a região Norte lidera os cadastros, com 82%, dos 93,5 milhões de hectares, cadastrados. Já a região Sul fica em último neste quesito, com apenas 31,5%, dos 42 milhões de hectares, cadastrados.

Em números absolutos, a maior área a ser cadastrada é da região Centro-Oeste, com 81,5 milhões de hectares. A menor é a da região Sul. O Cadastro Ambiental Rural é obrigatório para todos os imóveis rurais, e, segundo o governo, tem como objetivo auxiliar no controle, monitoramento e combate do desmatamento no país. O Cadastro está previsto no Código Florestal e servirá de base para a instituição do Plano de Regularização Ambiental (PRA) no meio rural.

Ele alerta que mesmo com a expectativa de colheita de uma safra total de 84,7 milhões de toneladas de milho, os consumidores brasileiros devem recorrer a importação de milho no segundo semestre, por causa das exportações recordes estimadas em 35 milhões de toneladas.

Pessoa explica que a explosão das vendas externas se deve em grande parte a redução do custo do frete em dólar, que antes representava 50% do preço do cereal posto no porto, e agora representa a metade.

Ele avalia que o Brasil importará milho dos Estados Unidos e Argentina, ou os exportadores farão “washout” (cancelamento das vendas) para revender o cereal no mercado interno.

=====

=====



**GABINETE DA SECRETARIA DE ESTADO DE
AGRICULTURA, PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO DE MINAS GERAIS**

João Cruz Reis Filho
Secretário

Kleber Vilela Araújo
Secretário-Adjunto

Orlando Caixeta Fialho
Subsecretário de Desenvolvimento Rural

Odiel de Souza
Subsecretário do Agronegócio

=====

Lindomar Antonio Lopes
Coordenador do PROALMINAS/SEAPA/MG
Assessoria Técnica do Secretário
Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 3915.8535
lindomar.lopes@agricultura.mg.gov.br